



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTOS DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

GEOVANE PORTO DOS SANTOS

**O GÊNERO RESENHA CRÍTICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE A COMPREENSÃO
ARGUMENTATIVA DOS ALUNOS**

**CAMPINA GRANDE – PB.
2018**

GEOVANE PORTO DOS SANTOS

**O GÊNERO RESENHA CRÍTICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE A COMPREENSÃO
ARGUMENTATIVA DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Patrícia Silva Rosas de Araújo

**CAMPINA GRANDE – PB.
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237g Santos, Geovane Porto dos.

O gênero resenha crítica no contexto da educação de jovens e adultos [manuscrito] : reflexões sobre a compreensão argumentativa dos alunos / Geovane Porto dos Santos. - 2018.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Silva Rosas de Araújo , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Educação de Jovens e Adultos - EJA . 2. Gênero resenha crítica. 3. Ensino. I. Título

21. ed. CDD 374

GEOVANE PORTO DOS SANTOS

O GÊNERO RESENHA CRÍTICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE A COMPREENSÃO ARGUMENTATIVA DOS ALUNOS

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Patricia Silva Rosas de Araújo
Prof.ª. Dra. Patricia Silva Rosas de Araújo (UEPB)
Orientadora

NOTA: 10,0

Monique Alves Vitorino
Prof.ª. Dra. Monique Alves Vitorino (UFPE)
Examinadora

NOTA: 10,0

Amasile Coelho L. C. Sousa
Prof.ª. Ma. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa (UEPB)
Examinadora

NOTA: 10,0

Trabalho aprovado em: 30 de novembro de 2018.

Média: 10,0

CAMPINA GRANDE – PB.
2018

AGRADECIMENTOS

À Deus em primeiríssimo lugar, pelo sustento, pela saúde, pela misericórdia e graça dispensadas.

À Profa. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti, coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras, por seu empenho.

À Profa. Dra. Patrícia Silva Rosas de Araújo pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação dispensada a este trabalho.

Às minhas filhas Lorena Porto Cardoso e Yasmin Porto Cardoso e à minha esposa Tatiana Cardoso de Lima pela compreensão por minhas ausências nos momentos familiares ao longo do curso.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras da UEPB, em especial, Edson Tavares, Dalva Iobão, Luciano Justino e Anacã Rupert, que contribuíram ao longo dos anos de curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento deste trabalho.

Às Professoras Dra. Monique Alves Vitorino e Ma. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa pelas preciosas colocações como participantes da banca examinadora.

Aos funcionários da Coordenação de Letras, em especial a Maria Célia Lisboa, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de turma pelos momentos de amizade e apoio.

“Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.”
Rubem Alves

Sumário

1. DISCUSSÃO INICIAL	7
1.1. A justificativa e os objetivos	8
2. O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS	9
2.1. Conhecendo os sujeitos envolvidos	9
2.2. Desenvolvimento das aulas	10
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1. A escrita numa perspectiva dialógico-discursiva.....	12
3.2. O gênero resenha	13
3.3. A argumentação na tessitura textual	14
4. A PROPÓSITO DE UMA ANÁLISE	15
4.1. A compreensão sobre a estrutura retórica do gênero resenha.....	16
4.2. A compreensão argumentativa	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

O GÊNERO RESENHA CRÍTICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE A COMPREENSÃO ARGUMENTATIVA DOS ALUNOS

SANTOS, Geovane Porto dos¹

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma experiência vivida no estágio supervisionado III realizado numa turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) de uma escola pública na cidade de Campina Grande, no ano de 2018. Durante nossa prática docente, questionávamos: de que forma as aulas de leitura e escrita do gênero resenha podem contribuir para o desenvolvimento da capacidade argumentativa do aluno? Partindo desse questionamento, o objetivo geral deste artigo é investigar como se dá a capacidade argumentativa do aluno através do processo de leitura e escrita do gênero resenha crítica. Especificamente, buscamos: a) descrever e analisar a estrutura do gênero resenha; b) entender como se constrói a habilidade argumentativa dos alunos através do gênero resenha crítica de filmes. Nossa pesquisa se insere no paradigma qualitativo de base descritivo-interpretativista. Nossas reflexões estão ancoradas em Bakhtin (2011), Motta-Roth e Hendges (2010), Ribeiro (2009), dentre outros. O *corpus* de análise está constituído por treze resenhas coletadas durante as atividades de estágio. Para este trabalho, apresentamos os textos mais significativos de acordo com os nossos objetivos. Foram ministradas nove aulas divididas em três momentos: conhecendo o gênero; orientação para produção do gênero; produção escrita do gênero. Em se tratando de resultados, os dados mostraram que o gênero resenha ainda é pouco trabalhado nas salas de aula e por isso os alunos apresentaram muitas dificuldades no reconhecimento da sua estrutura retórica. Percebemos ainda que os alunos têm mais desenvoltura argumentativa na oralidade do que na escrita.

Palavras-chave: Resenha Crítica. Ensino. EJA.

1. DISCUSSÃO INICIAL

Ninguém nasce leitor ou escritor. Essas habilidades são adquiridas ao longo de nossas experiências de letramento. Assim, quanto mais imersos estivermos nas diversas práticas de letramento (social, escolar, religioso, laboral etc.), mais desenvolveremos a competência para agir socialmente por meio da língua(gem).

Nesse contexto, a leitura e a escrita constituem um tema relevante nas metodologias de ensino que se inspiram nas teorias de gêneros discursivos, e determinam a noção de gênero como objeto de ensino e de texto como unidade de análise, a exemplo dos PCN (Parâmetros

¹ Graduando em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba.
E-mail: geoportogmail.com

Curriculares Nacionais), das OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) da BNCC, e os diversos referenciais curriculares dos estados brasileiros.

Sabemos das dificuldades dos alunos em produzir gêneros escritos de cunho argumentativo e concordamos com Machado; Lousada e Abreu-Tardeli (2004, p. 13) quando afirmam que “frequentemente, os alunos são cobrados por aquilo que nunca lhes é ensinado, tendo de aprender por conta própria, intuitivamente, com muito esforço”.

Em se tratando das habilidades argumentativas, como bem é colocado por Ribeiro (2009), estas se iniciam desde muito cedo, quando a criança se apropria da linguagem oral e dos usos que pode fazer dela. É na vida cotidiana, interagindo com a família, com os amigos e demais pessoas da comunidade que ela começa a construir seus argumentos, bem como reconhecer argumentos produzidos pelos outros. À medida que vai crescendo, desenvolvendo-se cognitivamente e interagindo cada vez mais pela linguagem, a criança vai aprimorando sua compreensão argumentativa. Isso lhe dá condições de colocar em prática operações discursivas tais como: negociar uma decisão dos pais ou uma brincadeira com um colega, justificar sua opinião, contrapor-se a uma posição etc.

Nessa perspectiva, a questão-problema que orienta este artigo é: de que forma as aulas de leitura e escrita do gênero resenha podem contribuir para o desenvolvimento da capacidade argumentativa do aluno? Essa pergunta nos inquietou e nos orientou na produção desse trabalho sobre o gênero resenha e nos fez pensar como implantar na sala de aula práticas sociais que permitissem aos alunos da EJA o exercício real da cidadania através da linguagem. Ao nosso ver os alunos dominam as regras de produção dos gêneros argumentativos primários, especialmente o oral, como o diálogo, mas os gêneros escritos como a resenha, são estranhos ao conhecimento deles.

1.1. A justificativa e os objetivos

Na Educação Básica, notamos um baixo letramento no que diz respeito às práticas de leitura e escrita. Lê-se para cumprir uma tarefa, para prestar conta ao professor sobre determinado texto ou exercício. Quando o professor propõe uma aula de leitura, os questionamentos dos alunos são: “*depois que ler, é para fazer o quê?*” ou “*já li, posso guardar?*” ou ainda: “*é só para ler?*”

Sem falar que textos com mais de uma página são “desalentadores” para os alunos. E quase sempre se ler apenas fragmentos extraídos de módulos do livro didático, folhas avulsas

muitas vezes sem a devida referência a autor ou a obra. Textos “desencarnados” da vida real, fora do seu ambiente de circulação ou do seu suporte (livro, revista, website, jornal). Embora reconheçamos a existência de experiências encantadoras com a leitura acontecendo em muitas salas de aula pelo país afora, essas experiências ainda não são uma realidade na maioria das escolas da Educação Básica.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que acomoda os jovens e adultos que não completaram os anos da Educação Básica em idade adequada por motivos diversos, como por exemplo, a necessidade de trabalho e participação na renda familiar desde a infância e/ou adolescência. Percebendo essas características, verificamos que a maioria dos alunos que frequentam as turmas da EJA possuem dificuldades visíveis em desenvolver a argumentação através de textos escritos.

Com isto, sentimos a necessidade de intervir numa turma da EJA durante nossa experiência de estágio supervisionado no ano de 2018. A sugestão para se trabalhar com o gênero resenha partiu do professor titular da disciplina de Língua Portuguesa. Este gênero fazia parte do conteúdo sequencial do segundo bimestre.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo geral propor um trabalho de reflexão em torno do gênero resenha crítica numa turma da EJA, de uma escola pública de Campina Grande/PB. Especificamente, buscamos: a) descrever e analisar a estrutura do gênero resenha; b) entender como se constrói a habilidade argumentativa dos alunos através do gênero resenha crítica de filmes.

Este trabalho se insere no âmbito da Linguística Aplicada (LA), dentro de um paradigma qualitativo de base descritivo-interpretativista. Em LA, a investigação qualitativa é frequentemente designada por naturalista (BOGDAN e BIKLEN, 1994), porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversas, visitas, observações, planejamentos, dentre outros.

Teoricamente, buscamos apoio em Bakhtin (2011), Motta-Roth e Hendges (2010), Ribeiro (2009), dentre outros.

2. O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS

2.1. Conhecendo os sujeitos envolvidos

a) A Escola

Este artigo surge das atividades realizadas numa escola pública durante a experiência de estágio supervisionado. A escola está situada no bairro da Liberdade na cidade de Campina Grande. Oferece a Educação de Jovens e Adultos, o Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Sua estrutura interna é composta por mais de dez salas de aulas; sala de diretoria, sala de professores, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), biblioteca, banheiro dentro do prédio com chuveiro, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzidas. As aulas acontecem nos turnos manhã, tarde e noite.

b) A turma

Trata-se de adultos com faixa etária entre 18 e 40 anos, que trabalham durante o dia e estudam à noite na turma do Ciclo V, que corresponde a 1ª e 2ª séries do Ensino Médio regular. A turma foi bastante receptiva à nossa intervenção durante o estágio e se mostrou disciplinada e atenta, contribuindo com o desenvolvimento das aulas. Alguns alunos eram mais tímidos e pouco interagiam nas aulas. Outros, no entanto, eram mais espontâneos e se expressam com mais desenvoltura.

Uma característica da turma, e das turmas de EJA de um modo geral, é a falta de assiduidade nas aulas. Durante o estágio ficou bastante perceptível essa rotatividade dos alunos. Em conversas informais com eles, escutamos que muitos estavam na escola apenas para “concluir os estudos”. Assim, se preocupavam mais em comparecer às aulas quando havia atividade para “nota”. Isso dificultou o acompanhamento da aprendizagem de alguns alunos.

2.2 Desenvolvimento das aulas

As aulas foram desenvolvidas nos meses de abril e maio de 2018. No total, foram ministradas nove aulas, cada uma de 30 minutos, distribuídas em três momentos: conhecendo o gênero resenha; orientação para a produção do gênero; a escrita do gênero. Infelizmente, não tivemos a oportunidade de fazer um trabalho de reescritura textual, devido a vários fatores que abordaremos mais adiante.

a) Conhecendo o gênero

No primeiro encontro (distribuído em três aulas de 30 minutos cada), apresentamos a proposta de trabalhar com o gênero textual resenha crítica sondando oralmente os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do assunto. Fizemos uma leitura em voz alta da resenha do filme “Tempos Modernos”² e, em seguida, perguntamos aos alunos a impressão que tiveram do texto (temática) e sobre algumas características estruturais do gênero. Juntamente com os alunos, resolvemos questões propostas na atividade do módulo didático utilizado pelo professor titular da turma, reconstruindo as características constitutivas do gênero: conceito, finalidade, intenção comunicativa, esfera comunicativa, suporte e estrutura composicional.

b) Orientação para produção

No segundo encontro (distribuído em três aulas de 30 minutos cada), fizemos uma breve revisão da aula anterior, atentando para as características do gênero. Em seguida fizemos a leitura de uma notícia³ sobre as novas regras trabalhistas de novembro de 2017, para reforçar o tema escolhido e chamar a atenção da turma para as estratégias de produção do texto. Utilizamos para isso anotações no quadro branco, dirigindo a atividade do módulo didático, com as seguintes perguntas: Como a resenha começa? Qual o seu objetivo? Qual a opinião do resenhista sobre o assunto? Como termina a resenha? Essa atividade foi feita em sala e a correção foi feita de forma coletiva com a leitura das respostas dos alunos dadas em sala.

Orientamos os alunos para assistirem a um filme (escolha livre) e, a partir de então, produzissem a resenha em casa. Elaboramos o seguinte enunciado para dar suporte à escrita:

Escreva uma resenha crítica a respeito de um filme que você assistiu. Antes de começar a escrever, é preciso que você tenha levantado os dados básicos do filme em questão: ano de lançamento, duração, direção, atores, gênero, temática etc. Selecione alguns termos de elogio e/ou crítica para comentar sobre o filme. Tente encontrar uma vantagem e desvantagem sobre o filme e pense em qual seria a sua recomendação final sobre ele. Atente para a estrutura da resenha apresentada em sala. Após escrever, revise seu texto e apresente oralmente em sala de aula.

c) Produção escrita

² Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/37872/resenha-do-filme-tempos-modernos-1936-as-relacoes-de-trabalho-no-passado-e-atualmente>. Acesso em 04/03/2018

³ Disponível em <https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/04/reforma-trabalhista-avancos-e-retrocessos-do-texto-que-camara-aprovou.html>. Acesso em 04/03/2018

Do total de vinte alunos frequentes, treze entregaram a produção das resenhas. Destas, citamos a título de exemplo: *Escritores da Liberdade, Riverdale e Era Uma Vez*. Devido à greve geral dos caminhoneiros que paralisou o Brasil inteiro durante o período das aulas, não foi possível prosseguir com o processo de reescrita, restando apenas a oportunidade de, na última aula, fazer uma orientação coletiva fazendo apontamentos e explicando aos alunos a ocorrência da falta de algumas partes da estrutura que compõe a resenha crítica, como a avaliação do filme. Foram utilizadas algumas produções como exemplo. As resenhas produzidas, em sua grande maioria, não atenderam à estrutura básica do gênero. Mais adiante analisaremos as produções escritas dos alunos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A escrita numa perspectiva dialógico-discursiva

A consideração da escrita numa perspectiva dialógico-discursiva advém das contribuições de Bakhtin e o Círculo sobre sua concepção de língua/linguagem. Nessa perspectiva, língua é uma atividade essencialmente social, pois o interlocutor e os sentidos constroem-se discursivamente nas relações verbais com o outro. Assim, é impensável um ensino de escrita monológico, em que o aluno escreve no vazio, para um destinatário imaginário, sem propósitos comunicativos reais, ou seja, escreve apenas para cumprir uma tarefa escolar.

A noção de língua postulada pelos estudos bakhtinianos influencia diretamente a perspectiva de escrita que queremos abordar. Uma escrita contextualizada, envolvendo sujeitos reais, situados sócio-historicamente, com propósitos bem definidos, que atuam e agem sobre o outro por meio da linguagem verbal. Assim, entendemos a língua como uma atividade essencialmente social que só existe em função do uso que os interlocutores fazem dela em situações de comunicação concretas, a partir das esferas (comunidade) que ocupam.

É por essa razão que Bakhtin (1992, p. 285) diz que as pessoas podem dominar magnificamente a língua numa dada esfera de comunicação, mas podem sentir-se totalmente impotentes em outras esferas, por não dominar na prática as formas de gênero de dadas esferas.

Quanto mais dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos nele a nossa individualidade (onde isso é

possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso projeto de discurso.

Nesse contexto, é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los nas diversas situações de uso. E isso inclui, segundo Devitt (2004 apud REINALDO, MARCUSCHI, DIONISIO, 2012), uma consciência crítica sobre o gênero, ou seja, é necessário que o usuário esteja imerso nos ambientes sociais/esferas onde os gêneros circulam. Nesse sentido, ao observar como os gêneros funcionam em seus contextos originais, o usuário os aprenderia de forma explícita, sem simulação.

Nessa perspectiva, o gênero serve de chave para entendermos como participar das ações de uma determinada comunidade. Como bem enfatiza Volochinov (1926 [1976], p. 6), cada enunciado “é como uma senha conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social”. Desse modo, não se pode separar o enunciado do seu contexto de uso nem da sua esfera de circulação, pois se assim for, perderá toda a sua significação.

Concordamos com Geraldi (2015) quando diz que ninguém pode escrever pelo outro. Escrever é um gesto próprio, que implica necessariamente os sujeitos do discurso. Nesse sentido, não adianta, por exemplo, o professor dizer que está trabalhando com produção textual ou gênero do discurso se o aluno continua escrevendo apenas para o destinatário de sempre (professor) e com o objetivo de sempre (obter uma nota). Não basta a boa intenção em aderir à nova perspectiva, é preciso, sobretudo, dominar os procedimentos metodológicos que conduzirão à prática da escrita de maneira eficiente e produtiva.

3.2. O gênero resenha

O gênero resenha, em condições de produção discursiva reais, é escrito por especialistas das várias áreas do conhecimento e geralmente publicada em revistas, jornais, blog. Ela surge a partir da necessidade de apresentar um produto à sociedade, seja na área da literatura, da música, da arte, da cultura etc. Assim, a princípio, levar a resenha para sala de aula pode parecer uma atividade artificial. No entanto, o aluno não circula apenas no ambiente escolar-acadêmico, mas em diversos outros ambientes da vida pública e privada. Logo, conhecer esse gênero é uma possibilidade de interação social. E ainda, sistematiza a leitura e desenvolve competências discursivas no tocante à escrita. “A resenha tem papel crucial na legitimação da produção intelectual acadêmica, constituindo-se como parte das demandas desse ambiente [...]” (FERREIRA; MENESES, 2012, p. 68).

Segundo Motta-Roth e Hendges (2010), a resenha tem o propósito de avaliar criticamente um produto, de uma determinada área, cabendo ao resenhista tecer uma apreciação sobre esse produto, de modo a influenciar o leitor da resenha quanto à pertinência (ou não) dele para a área de conhecimento. Ainda segundo as autoras, a estrutura de uma resenha de um livro constitui-se de quatro unidades: *apresentação* (Informação sobre a referência bibliográfica, sobre o tema do livro, o público-alvo, as informações básicas sobre o autor); *descrição* (descrição da organização geral do livro); *avaliação* (avaliação e/ou críticas à obra, com exemplificação); *recomendação* (recomendação ou não do livro ou recomendação com restrições). Além destas unidades, temos as marcas linguístico-textual-discursivas próprias desse gênero. Embora as autoras tratem da estrutura da resenha de um livro, essa estrutura retórica se aplica a qualquer produto. No nosso caso, analisamos a resenhas de filmes.

Por fim, lembramos que a resenha nunca pode ser exaustiva. O resenhador deve buscar ser seletivo, filtrando apenas os aspectos pertinentes ao objeto, ou seja, apenas aquilo que é funcional em vista de uma intenção previamente definida. Sempre levando em conta o seu público-alvo. Assim, podemos ter várias resenhas sobre o mesmo objeto. Mas com focos discursivos diferentes, dependendo dos objetivos a serem alcançados.

Além disso, não podemos nos esquecer que “a voz do resenhador é inerentemente influenciadora, já que se espera dele uma apreciação pertinente do objeto, colocando-se no papel do especialista” (FERREIRA, MENESSES, 2012, p. 91). Daí a importância de o resenhador ser um conhecedor profundo do objeto resenhado. Isso leva tempo e não pode ser feito de modo apressado, caindo-se no risco de se fazer uma apreciação baseada em “achismos” e não numa avaliação com argumentos plausíveis.

3.3. A argumentação na tessitura textual

Para discutirmos as características discursivas da argumentação, tomamos como referência os estudos bakhtinianos, especialmente aqueles que envolvem a teoria da enunciação, considerando que a argumentação se materializa na linguagem. Ao contrário do estruturalismo, Bakhtin (1992) defende que o fenômeno da interação é o que constitui a linguagem, ou seja, é a realidade fundamental da língua. É somente pela interação que a linguagem acontece, isto é, nas situações de comunicação real e de uso da língua. Essa interação acontece de maneiras diferentes e, nesse processo, um diálogo é estabelecido. Não

se trata da conversa face a face entre pessoas, mas sim, do encontro das variadas vozes presentes no meio social.

De acordo com Fiorin (2017, p. 78), “a argumentação é uma questão de linguagem. Por isso, nela o enunciador trabalha com a pluralidade de sentidos de uma palavra (polissemia), com as ambiguidades”. Esse caráter interativo atribuído à linguagem pressupõe um movimento argumentativo, gerado pela necessidade que o homem tem de compartilhar suas ideias, de defender suas opiniões, nas mais diversas situações.

Nesse sentido, a fala argumentativa representa a língua em um contexto socialmente determinado, enfatizando-se as condições de produção, recepção e circulação do enunciado, o que significa dizer que a situação discursiva e o contexto de produção organizam e direcionam novas estratégias argumentativas por parte dos interlocutores, agentes dessa interação social.

Segundo Ribeiro (2009), a argumentação, enquanto ato persuasivo, vem sendo estudada pelo homem desde a Antiguidade, inicialmente pela Filosofia (Retórica Clássica) e até os dias atuais por várias áreas do conhecimento, sobretudo pela Linguística, que dedica um espaço considerável às pesquisas voltadas para os mais diversos aspectos dessa temática. Esse interesse se manifesta nas várias tendências de estudos da linguagem – cognitivas, interacionistas e enunciativas – que atribuem à argumentação um papel importante na construção dos discursos e na atividade comunicativa em si.

Ribeiro (*op. cit.*) destaca que uma abordagem linguística de grande repercussão no estudo da argumentação é a da semântica argumentativa, que tem como principal representante Oswald Ducrot. Esse teórico da enunciação define a argumentação como um ato linguístico fundamental, um elemento estruturante do discurso, portanto linguisticamente constituído. Nesse sentido, os conectivos, assim como os advérbios, adjetivos e outros elementos da gramática da língua funcionam como operadores no discurso argumentativo, encadeando e determinando o valor dos enunciados, comprovando que a própria língua tem seus mecanismos para operar argumentativamente.

4. A PROPÓSITO DE UMA ANÁLISE

Ficou perceptível a escolha da grande maioria dos alunos por filmes do gênero drama com temáticas que apresentam histórias de superação e encorajamento. Podemos citar como exemplos os filmes: *Escritores da Liberdade* (2007), *Até o Último Homem* (2016), *Austrália*

(2008), *O Impossível* (2012), *Uma Vida com Propósito* (2016). Esse tipo de escolha pode ser um reflexo da realidade de luta e determinação vivenciada por esses alunos. Muitos alunos voltam para a sala de aula em busca de realização pessoal ou por causa da qualificação para o mercado de trabalho. Em conversas informais com os discentes conhecemos muitas histórias de garra e determinação. Daí entendermos as escolhas feitas.

A seguir, analisaremos a estrutura retórica e a compreensão argumentativa demonstrada pelos alunos através da escrita das resenhas.

4.1. A compreensão sobre a estrutura retórica do gênero resenha

Entre as treze resenhas recebidas, duas atenderam totalmente a estrutura retórica do gênero e onze atenderam parcialmente. Salientamos que estamos trabalhando com a estrutura retórica básica de uma resenha apresentada por Motta-Roth e Hendges (2010):

Apresentar – Descrever – Avaliar – (Não) Recomendar

No quadro a seguir, apresentamos duas resenhas produzidas a título de ilustração. Salientamos que tais resenhas foram apenas transcritas, não alteramos a produção escrita. Os textos originais estão em anexo.

QUADRO 1- A estrutura retórica da resenha

ESTRUTURA RETÓRICA DA RESENHA	
AT – atenderam totalmente a estrutura do gênero	
AP - atenderam parcialmente a estrutura do gênero	
AT	<p>Exemplo 1 Filme escritores da liberdade</p> <p><i>AF - Filme: Escritores da Liberdade Referência: Ano 2007 Dados do autor: Richard Lagranvernes 30 de outubro de 1959}</i></p> <p>DE - <i>O filme relata a história de uma professora por nome Erin Gruwell que começa a dar aulas em uma escola, que tinha uma sala de alunos problemáticos que dividem-se em guangues e raças. No meio do turbilhão de brigas que acontecem na sala ela tenta ajudalos e procura uma forma de chamar atenção deles, pois por ela ser uma professora novata ela não consegue à ajuda da direção da escola nem de outros professores. Ela era professora de inglês da sala 083, o mais interessante e quando ela começa a debater certos assuntos que mechem com o emocional daqueles jovens, ela incentiva eles a lerem o diário de Anne Frank e que eles poderiam escrever seus próprios diários e os que queriam deixavam eles num certo armário que ela pudesse ler aquelas histórias, ela procurou a secretaria da escola para que seus alunos pudessem ter acesso a biblioteca, mas não houve sucesso, então ela teve que conseguir outro emprego para poder sustentar aquela ideia, e subseqüente arrumou o terceiro emprego para pagar as despesas de viagens culturais.</i></p> <p><i>Logo Após eles lerem o livro “O diário de Anne Frank” ela pediu que eles escrevessem uma carta direcionada a mulher que escondeu em sua casa a Anne Frank. Eles ficaram tão empolgados que arrecadaram fundos para trazer essa mulher até a escola e pagar</i></p>

	<p><i>todas as despesas. Eles após tudo isso uniram suas histórias e escreveram um livro.</i></p> <p><i>AV - O surpreendente deste filme não é somente o fato de baseado em fatos reais, mais nos leva a refletir a história de uma educadora que tanto ensinaram e aprenderam. Eles superaram vários desafios, a inexperiências, inclusive a professora, porem cheia de convicção luta contra o tradicionalismo e acepção, Ela enfrentou a problematica da turma, com histórico de violência e endisciplina, mas como ela queria fazer seu trabalho de melhor maneira ela enfrentou todas as dificuldades afim de concretiza e mostrar que seus alunos eram capazes de se destacarem naquela escola que na maioria das pessoas “educadores” não acreditavam com paciência e competência aos poucos de uma maneira empolgante ela ensina aos alunos o poder do coletivo. Através do filme é possível Us lembra o fazer com excelência, é a paixão que existe em alguns educadores.</i></p> <p><i>(N)R - É um filme que deve-se ver por todos e obrigatório pra educadores, para reflexão prática sobre tais temas, não so de ensino mais de sociedade a que estamos inseridos. O filme é espetacular na minha opinião e recomendo.</i></p>
<p>AP</p>	<p>Exemplo 2 Filme Austrália</p> <p><i>DE - O filme foi passado na década de 70, uma história gerada em meio a segunda guerra, como o nome já diz foi vivido na Austrália. Foi em um campo em uma fazenda de cavalos, uma jovem viúva descidiu quebrar o tabu daquela época enfrentando o preconceito da sociedade, dona de uma grande fazenda, acaba se apaixonando por um forasteiro o qual passar a morar e ajuda-la a cuidar de tudo, naquela época havia preconceitos com as pessoas de pele parda, em meio a trama conhecem uma criança parda que acabam adotando como filho, mas em meio a sociedade enfrentam uma grande luta.</i></p> <p><i>Em meio a uma tragedia a família se separa, o filho e tomado, vendido como escravo, a dona da fazenda se separa do forasteiro que estava em uma de suas viagens de cavalgada, a procura de levar seu gado para outras terras.</i></p> <p><i>Em sua volta ele encontra a fazenda destruída e o seu grande amor cuidando dos enfermos de guerra e o seu filho sendo deportado dentro de um grande navio como escravo.</i></p> <p><i>AV -Um filme bastante rico em cultura, relatando uma linda história de amor, e preconceito de uma sociedade totalmente radical, mostra a força de uma mulher. Sua história bem desenvolvida do início ao fim o filme Austrália me despertou uma força como uma mulher guerreira, a mulher está onde ela quiser. Todas as cenas foram feitas em lugares lindos.</i></p>
<p>AF- Apresentação do Filme; DE – Descrição do enredo; AV – Avaliação; (N)R – (não)recomendação</p>	

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

No quadro 1, acima, verificamos na seção AT (atenderam totalmente), que o exemplo, ainda que pouco organizado, atende às quatro estruturas retóricas que compõem o gênero solicitado, já descritas pela literatura: apresentação, descrição, avaliação, (não) recomendação. Na parte de apresentação do filme (AF), o resenhador apresentou dados técnicos (nome, ano de produção, direção....), situando o leitor a respeito do filme assistido.

Filme: Escritores da Liberdade Referência: Ano 2007 Dados do autor: Richard Lagranvernes 30 de outubro de 1959 (FILME ESCRITORES DA LIBERDADE, 2007).

O aluno entendeu que essas informações técnicas devem constar na resenha. Sabemos que outras informações poderiam estar presentes, tais como: quem são os atores principais, o diretor, o roteirista, o gênero do filme, sua temática, duração, etc. A AF foi bastante sucinta, faltando ao resenhador habilidade para dá progressão as ideias do texto.

Já na parte de descrição do enredo (DE), o resenhador consegue expandir mais as informações sobre o filme. Traz informações sobre a problemática que envolve os personagens (violência na escola) e cita um momento chave do filme que é a história de Anne Frank. No entanto, o resenhador se restringe a figura da professora Erin Gruwell, deixando de citar outros personagens principais que ajudam o desenrolar da narrativa, como o marido de Erin, Scott Casey, que testemunha todas as dificuldades encontradas pela professora na instituição de ensino; Margaret Campbell, a diretora da escola que acaba por não apoiar as iniciativas promovidas por Erin Gruwell; Eva, uma adolescente latina que vive em gangues e tem uma postura combativa e de confronto com relação à professora.

Na parte de avaliação (AV), o resenhador diz que o filme traz reflexões práticas não só sobre o ensino, mas sobre a sociedade. E já dá indícios de que recomendará o filme:

É um filme que deve-se ver por todos e obrigatório pra educadores, para reflexão prática sobre tais temas, não so de ensino mais de sociedade a que estamos inseridos (FILME ESCRITORES DA LIBERDADE, 2007).

Embora se diga que o filme deve ser visto por todos, principalmente pelos educadores, e que ele proporciona uma reflexão prática, não há o desenvolvimento de argumentos que corroborem os elogios ao filme. Quando se aponta para reflexões práticas, não cita que reflexões seriam estas. Apesar de faltar argumentos plausíveis, entendemos que o uso de palavras como *deve, obrigatório, reflexão* sugere uma avaliação positiva do filme.

Por último, na parte (N)R, o resenhador se restringe a dizer que o filme é espetacular e que o recomenda:

O filme é espetacular na minha opinião e recomendo (FILME ESCRITORES DA LIBERDADE, 2007)

Nesse momento, espera-se que o resenhador não apenas descreva o filme, mas faça comentários críticos sobre ele, relevando assim o seu conhecimento sobre o filme e sua consciência reflexiva, tentando convencer o seu leitor da importância da obra.

Apesar de a resenha em análise atender a estrutura do gênero, contendo os quatro movimentos retóricos (apresentação do filme, apresentação do enredo, avaliação e recomendação), entendemos que faltou de modo geral progressão das ideias, ou seja, expansão das informações.

Já na seção AP (atenderam parcialmente), percebemos que o resenhador não atendeu a todos os movimentos retóricos da resenha, apenas apresenta a descrição do filme e a avaliação. Na apresentação, o resenhador traz informações sobre a trama, os personagens, a ambientação dos fatos e ensaia o desfecho da história.

O filme foi passado na década de 70, uma história gerada em meio a segunda guerra, como o nome já diz foi vivido na Austrália. Foi em um campo em uma fazenda de cavalos, uma jovem viúva descidiu quebrar o tabu daquela época enfrentando o preconceito da sociedade, dona de uma grande fazenda, acaba se apaixonando por um forasteiro o qual passar a morar e ajuda-la a cuidar de tudo [...] Em sua volta ele encontra a fazenda destruída e o seu grande amor cuidando dos enfermos de guerra e o seu filho sendo deportado dentro de um grande navio como escravo (FILME AUSTRÁLIA, 2008).

Sobre a avaliação, o resenhador aponta os aspectos positivos do filme, usando expressões (*um filme bastante rico, uma linda história de amor, história bem desenvolvida, as cenas foram feitas em lugares lindos*) cujo objetivo é convencer o leitor de que o filme é bom e vale a pena assisti-lo.

A avaliação é sucinta e pouco convincente, faltando articulações argumentativas que deem ao leitor a certeza de que o filme é interessante.

4.2. A compreensão argumentativa

Percebemos durante as aulas ministradas que os alunos teciam argumentações orais bastante pertinentes sobre os filmes. Assim, esperávamos que essa habilidade argumentativa fosse representada na resenha escrita. No entanto, as resenhas escritas não demonstraram articulações argumentativas consistentes.

Fala sobre um romance vivido no ano de 1912 em meio a uma tragédia que morreram 1500 pessoas. A elegância de trajes, uma jovem quebrando preconceitos de uma classe social alta. O amor vivido pelos jovens em um naufrágio vencedor de

varios oscas ate hoje ele ainda emocionao seu publico e o grande navio que foi desafiado com a frase que nem Deus o afunda. (FILME TITANIC, 1997).

Naquelas resenhas que contêm avaliação, notamos que os alunos se detinham apenas em elogiar o filme sem se preocupar em atribuir juízo de valor a partir de argumentos. O que vimos foram apenas lampejos de opiniões pessoais, nada que nos levasse a perceber no texto um teor de criticidade mais apurado.

Talvez a dificuldade em construir a argumentação se deva também aos longos anos de escolarização que o aluno está acostumado, que, na maioria das vezes, trabalha com textos narrativos, descritivos, injuntivos. A escolha dos gêneros que são levados para a sala de aula também é importante, uma vez que eles constroem o perfil leitor e escritor dos alunos. Daí a importância de se trabalhar com a resenha, um texto informativo e argumentativo que aborda uma opinião crítica sobre determinado produto.

O trabalho com a argumentação na sala de aula pode ser feito através de diversos gêneros, desde a oralidade (palestras, debates, discursos de defesa, assembleias, etc.), passando pelos gêneros escritos (o artigo de opinião, o editorial, a resenha crítica etc.) e digitais (blogues, fóruns virtuais etc.). Assim, um trabalho contínuo e sistemático com gêneros argumentativos pode oportunizar aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades linguístico-argumentativas.

Não podemos esperar que em uma única atividade o aluno consiga expressar sua consciência crítica sobre determinado fato. É preciso insistir em diversas estratégias de ensino que deem ao aluno as condições de falar e escrever nas diversas situações de comunicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, procurou-se descrever e analisar a estrutura retórica do gênero resenha crítica no contexto de Educação de Jovens e Adultos. A partir do recorte dos dados apresentados, vimos que, apesar das orientações dadas em sala de aula, os alunos ainda apresentaram dificuldades em organizar estruturalmente o gênero em estudo. Das treze resenhas apresentadas, apenas duas preencheram os movimentos retóricos que constituem o gênero e onze atenderam parcialmente a estrutura. O que comprova um bom resultado do trabalho realizado em sala de aula. Talvez sem a orientação do professor os alunos não conseguissem atingir parcialmente a composição do gênero trabalhado e se limitassem a

reproduzir as tipologias recorrentes nas práticas escolares como por exemplo os gêneros narrativos e injuntivos.

De modo geral, nenhuma resenha atendeu satisfatoriamente a tipologia argumentativa própria do gênero, ou seja, as opiniões apresentadas na parte de avaliação e recomendação foram rasas, não se constituindo em argumentos consistentes capazes de convencer o leitor sobre os filmes assistidos.

Todas as resenhas dedicaram mais espaço para comentar o enredo do filme e isso, a nosso ver, é retrato de uma escolarização que tem se dedicado a trabalhar mais com gêneros narrativos do que argumentativos. Nesse sentido, pleiteamos a inclusão de diversos gêneros que exijam do aluno um posicionamento crítico sobre determinado assunto. Assim, torna-se importante o trabalho com a resenha crítica, principalmente em contexto de EJA, cujo público lida o tempo todo com estratégias de negociação e convencimento nas relações interpessoais, no trabalho, na escola.

Salientamos que em nosso planejamento inicial estava previsto o trabalho com a reescritura textual. No entanto, isso não foi possível porque no período do estágio supervisionado grande parte da população do país sofreu com a greve dos caminhoneiros que afetou diretamente o calendário escolar e conseqüentemente o andamento das aulas propostas.

Apesar das dificuldades encontradas, verificamos a importância do trabalho com a resenha em sala de aula. Não nos detivemos apenas aos problemas microestruturais, ou seja, as questões de natureza gramatical, como é de costume o professor de língua portuguesa fazer. Pelo contrário, criamos uma forma de interagir com o aluno a respeito de seu texto. Escutamos suas leituras, debatemos as temáticas dos filmes, apontamos soluções para os problemas de ordem estrutural do gênero. Por fim, estimulamos nosso aluno a ser autor do seu texto e nos colocamos como parceiro em todas as etapas que envolveram a produção gênero.

ABSTRACT

The present work is the result of a lived experience in the supervised stage III carried out in a class of EJA (Youth and Adult Education) of a public school in the city of Campina Grande, in the year 2018. During our teaching practice, we questioned: reading and writing classes from the genre review can contribute to the development of the student's argumentative capacity? Based on this questioning, the general objective of this article is to investigate how the student's argumentative capacity is given through the reading and writing process of the critical review genre. Specifically, we seek to: a) describe and analyze the structure of the genre review; b) understand how students' argumentative ability is constructed through the genre critical review of films. Our research is part of the descriptive-interpretative qualitative

paradigm. Our reflections are anchored in Bakhtin (2011), Motta-Roth and Hendges (2010), Ribeiro (2009), among others. The corpus of analysis consists of thirteen reviews collected during the internship activities. For this work, we present the most significant texts according to our objectives. Nine lessons were divided into three moments: knowing the gender; orientation to gender production; production of the genre. In terms of results, the data showed that the review genre is still little worked in the classrooms and therefore the students presented many difficulties in the recognition of their rhetorical structure. We also noticed that the students have more argumentative resourcefulness in orality than in writing.

Keywords: Critical Review. Teaching. EJA.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 3º versão. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Orientações Curriculares para o ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

FERREIRA, Elisa Cristina Amorim; MENESES, Roberta Andrade. Resenha acadêmica. In: SILVA, Elizabeth Maria da. Professora, como é que se faz? (Org.). Campina Grande: Bagagem, 2012, p. 65-94.

FIORIN, J. L. Argumentação e linguagem. In: _____. Argumentação. São Paulo: Cortez, 2017, p. 78-80.

GERALDI, J. W. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G.; ABREU-TARDELLI, L. S. Resenha. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

REINALDO, Maria Augusta; MARCUSCHI, Beth; DIONÍSIO, Angela. Gênero textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

RIBEIRO, Roziane M. A construção da argumentação oral em contextos de ensino. São Paulo: Cortez, 2009.